PROCESSOS DE MUSICALIZAÇÃO EM UM AMBIENTE NÃO-FORMAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MÚSICA

Bruno Franco Antunes [1]

Leonardo Morales Ferreira [2]

Taison Belmonte Seling Dorneles [3]

Dulce Mari Da Silva Voss [4]

Semíramis Martins Corrêa [5]

Resumo:

Essa pesquisa foi realizada no componente de Políticas Públicas Educacionais, com o objetivo de investigar através dos saberes musicais aprendidos em um contexto de educação não-formal, quais as contribuições que essas práticas trazem para o cotidiano das crianças pesquisadas. Realizamos essa intervenção no Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé (IMBA), que trata-se de uma escola de artes fundada no ano de 1929. Este trabalho envolveu um professor, seis alunos que participam das aulas de práticas de iniciação a música e, os responsáveis pelos mesmos. Para a coleta de dados utilizamos a observação, entrevistas com professor, com os responsáveis e as crianças participantes das atividades, além de recursos de mídia, como fotos e videos. Constatamos que os saberes musicais aprendidos em um contexto não-formal contribuem para o crescimento ético, melhorando as relações sociais dos sujeitos em diferentes ambientes e ocasiões, possibilitando uma facilidade maior na interação com pares e outros.

Palavras-chave: ensino, musicalização, ambiente não-formal

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

PROCESSOS DE MUSICALIZAÇÃO EM UM AMBIENTE NÃO-FORMAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MÚSICA

[1] Aluno de graduação. brunofantunes1997@gmail.com. Autor principal

[2] Aluno graduação. ferreiraleonardo281999@gmail.com. Co-autor

[3] aluno graduação. taisonseling@gmail.com. Co-autor

[4] Docente. dulcevoss@unipampa.edu.br. Orientador

[5] Aluno pós-graduação. semiramismc@gmail.com. Co-orientador

PROCESSOS DE MUSICALIZAÇÃO EM UM AMBIENTE NÃO-FORMAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA MÚSICA

1 INTRODUÇÃO

O trabalho refere-se a pesquisa realizada no componente de Políticas Públicas Educacionais, cursada no segundo semestre do ano de 2017, cujo objetivo foi investigar saberes musicais aprendidos em um contexto de educação não-formal no contexto do Instituto Municipal de Belas Artes (IMBA) na cidade de Bagé (RS), em relação às contribuições dessas práticas no cotidiano de crianças na faixa etária dos sete à nove anos que participavam de aulas de iniciação à música. O IMBA é uma escola de artes fundada no ano de 1929 e que tem como atividades aulas de música, danças e outras práticas de ensino no campo das artes, envolvendo sujeitos diversos.

Com esse trabalho realizamos uma reflexão sobre práticas de educação não-formal desenvolvidas por entidades, grupos, movimentos e/ou instituições, as quais visam propiciar o acesso da população aos bens culturais diversos para a promoção dos direitos sociais e da cidadania, destacando-se aqui os saberes musicais.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394 de 1996, a educação é um direito social e se configura em um processo de formação de seres humanos. Nesse sentido, é de extrema importância cultivar e ensinar a música para a formação de cidadãos e cidadãs.

Atualmente, as políticas públicas emanadas do Estado que regem as diretrizes da educação formal tem se voltado para o capital humano, ou seja, o que se considera não aplicável no mercado é excluído ou não se dá ênfase no currículo escolar, como é o caso da Lei nº 11.769 do ano de 2008, que previa o ensino da música nas escolas. No entanto, essa lei foi revogada pelo governo, justificando-se que um profissional das artes daria conta de trabalhar todas as especificidades, incluindo a música. Essa política do Estado é uma tendência das reformas curriculares que vem sendo implantadas nas escolas, o que restringe a formação integral dos estudantes.

Segundo Gohn (2014, p.38), "[...] cada vez mais organismos internacionais do campo educativo preconizam que os indivíduos devem estar continuamente aprendendo, que a escola formal apenas não basta, que se deve aprender e aprender". A educação formal por estar preocupada com o capital e por conta do seu currículo acarreta muitas limitações, por isso a educação não formal com sua flexibilidade, potencializa o processo de aprendizagem, complementando-o com outras dimensões que não têm espaço nas estruturas curriculares, contribuindo para a formação de cidadãos e cidadãs na formação de valores éticos e estéticos.

Percebemos que o processo de ensino da educação musical, realizado no IMBA, um espaço de educação não-formal, contribui para o desenvolvimento ético e estético dos sujeitos que usufruem das aulas de iniciação à música.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé (IMBA) e envolveu um professor, seis crianças na faixa etária dos sete à nove anos que participam das aulas de práticas de iniciação a música e, os responsáveis pelos mesmos. No ano em que a pesquisa foi realizada haviam duas turmas desta modalidade.

Desenvolvemos uma pesquisa exploratória descritiva que, conforme Gerhard e Silveira (2009, p. 35), nos proporciona:

> [...] maior familiaridade com o problema pesquisado pela descrição dos fatos e fenômenos de uma realidade. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem- se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para

> todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

Para a coleta de dados, utilizamos a observação, entrevistas fechadas com professor, os responsáveis e as crianças participantes das atividades, contendo cada entrevista cinco perguntas direcionadas ao público e a faixa etária. A partir dos dados coletados fizemos análise de conteúdo, que segundo Moraes (1999, p. 02)

> [...] constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Para análise dos dados seguimos uma abordagem qualitativa na qual, segundo Goldenberg apud Silveira e Córdova (In: GERHARD E SILVEIRA, 1997, p. 34):

> [...] os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Com a pesquisa, buscamos apontar indicadores que permitissem comparar e sistematizar as respostas obtidas quanto aos objetivos, e assim chegar às considerações finais.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Conforme a entrevista feita com o professor as aulas têm o foco no desenvolvimento individual do aluno, como a musicalidade pessoal e percepção rítmica e melódica. Contou que desde o começo do projeto as crianças tinham oportunidade de conhecer os instrumentos musicais e até de acompanhar aulas, e então, ao final do ano, se já completaram nove anos, decidiam o instrumento com o qual iriam continuar a musicalização.

O professor ressaltou que para preparar os alunos para as aulas de teoria musical, ele introduzia a grafia analógica, que segundo França (2010, p.4) consiste em uma "[...] notação musical analógica, como o nome indica, baseia-se na analogia entre propriedade do campo auditivo e do visual; é um recurso facilitador da performance, da escuta e da compreensão musical".

Quanto aos materiais didáticos usados, nos relatou usar instrumentos de percussão, percussão melódica, piano, violão ou ukulele, corpo, voz, e objetos sonoros, tais como copos, varetas e etc.

Já para os responsáveis entrevistados, foi perceptível que desde que as crianças passaram a participar desse grupo de musicalização houve mudanças de "atitudes" no que tange ao desenvolvimento cognitivo e, principalmente, nas relações entre si, sejam eles pares ou outros; o que reforça a afirmação de Muszkat (2012, p. 69) quando diz:

> [...] Crianças em ambientes sensorialmente enriquecedores apresentam respostas fisiológicas mais amplas, maior atividade das áreas associativas cerebrais, maior grau de neurogênese (formação de novos neurônios em área importante para a memória como o hipocampo) e diminuição da perda neuronal (apoptose funcional). A educação musical favorece a ativação dos chamados neurônios em espelho, localizados em áreas frontais e parietais do cérebro, e essenciais para a chamada cognição social humana, um conjunto de processos cognitivos e emocionais responsáveis pelas funções de empatia, ressonância afetiva e compreensão de ambigüidades na linguagem verbal e não verbal.

Ficou evidente que, para os responsáveis pelas crianças, o vínculo com a música proporciona experiências enriquecedoras ampliando o potencial criativo de cada uma delas. Para o grupo de crianças a música proporciona a possibilidade da comunicação e expressão de forma livre e espontânea, o que indica Britto (2003, p. 53):

> [...] a música é linguagem cujo conhecimento se constrói com base em vivências e reflexões orientadas. Desse modo, todos devem ter o direito de cantar, ainda que desafinado! Todos devem poder tocar um instrumento, ainda que não tenham, naturalmente, um senso rítmico fluente e equilibrado, pois as competências musicais desenvolvem-se com a prática regular e orientada, em contextos de respeito, valorização e estímulo a cada aluno, por meio de propostas que consideram todo o processo de trabalho. e não apenas o produto final.

Logo, a pesquisa indicou a importância de processos de educação musical promovidos em espaços não-formais desde à infância, especialmente para crianças que não tem acesso à essas aprendizagens em outros contextos sociais e educativos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que os saberes musicais aprendidos em um contexto não-formal contribuem para o crescimento ético, melhorando as relações sociais dos sujeitos em diferentes ambientes e ocasiões, possibilitando uma facilidade maior na interação com pares e outros.

Ficou claro que as ações propostas pelo professor ao grupo de crianças tinham o cuidado da escuta e do olhar sensível, pois organizava suas propostas de ensino partindo do que as crianças lhe sinalizavam, ou seja, aulas que possibilitavam a exploração e a experimentação de uma variedade de materiais sonoros, inclusive o próprio corpo como instrumento, mas sempre organizadas conforme o interesse das crianças.

Nesse sentido, entendemos que a música é muito mais que aprender teoria e técnica musical, não desconsiderando esses saberes, entretanto, consideramos que a música afeta o "todo" do sujeito, ou seja, sua vida, suas relações, suas emoções e seus prazeres.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 11.769*, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.

_____. *Lei nº 9.394*, de 23 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 1996.

BRITO, Teca de Alencar. *Música na Educação Infantil*. São Paulo: Petrópolis, 2003.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Sopa de letrinhas: notações analógicas (des)construindo a forma musical. *Música na Educação Básica*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, set. 2010, p.07-21. Disponível em: www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed2/pdfs/MEB2_artigo1.pdf. Acesso em: 10 nov. 2017.

GERHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Revista Investigar em Educação*, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, II ª Série, Número 1, 2014, p. 35-50.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 1999, p. 7-32.

MUSZKAT; Mauro. Música, neurociência e desenvolvimento humano. IN: JORDÃO, Gisele et al (org.). *A música na escola*. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. Disponível em: www.amusicanaescola.com.br/pdf/AMUSICANAESCOLA.pdf. Acesso em: 04 nov. 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.